

Interrogativas encobertas em português

Concealed questions in Portuguese

Telmo Móia¹ 

¹Universidade de Lisboa / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

E-mail: tmoia@letras.ulisboa.pt

Resumo

Este trabalho estuda o comportamento gramatical das interrogativas encobertas, estruturas que coincidem superficialmente com sintagmas nominais, mas equivalem a orações interrogativas indiretas, sendo objetos do plano proposicional e não do plano da referência comum – e.g. (*ninguém me perguntou*) [_{SN} *as pessoas que foram nomeadas*]. Prototípicamente, as interrogativas encobertas são parafraseáveis por orações interrogativas equativas com *qual* – (*ninguém me perguntou*) [_F *quais são as pessoas que foram nomeadas*] –, sendo plausível uma análise das primeiras como derivadas das segundas por elipse. Porém, esta possibilidade de paráfrase nem sempre existe. Após uma breve revisão da literatura sobre as interrogativas encobertas no inglês, no português e no espanhol, serão sumarizadas as propriedades semânticas e sintáticas mais destacadas das interrogativas encobertas em português. Por um lado, conclui-se que a classe é heterogénea, integrando subclasses com propriedades especiais, como as que dependem de predicados mirativos – e.g. (*surpreendeu-me*) [_{SN} *as pessoas que foram nomeadas*] –, que não admitem a paráfrase atrás referida. Por outro lado, verifica-se ainda que, mesmo no grupo maioritário das interrogativas encobertas parafraseáveis por interrogativas equativas, há comportamentos gramaticais variáveis, uns tipicamente oracionais, outros tipicamente nominais, outros reveladores de oscilação entre comportamentos oracionais e nominais.

Editores-chefes
Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 28/03/2024
Aceito: 02/05/2024

Como citar:
MÓIA, Telmo.
Interrogativas encobertas
em português. Revista
LaborHistórico, v.11, n.1,
e63438, 2025. doi:
[https://doi.org/10.24206/
lh.v11i1.63438](https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.63438)

Palavras-chave:

Interrogativas. Interrogativas encobertas. Orações interrogativas indiretas. Interrogativas equativas. Elipse.

Abstract

This paper studies the grammatical behaviour of concealed questions, structures that superficially coincide with noun phrases, but are equivalent to sentential indirect questions, expressing propositions rather than denoting common entities – e.g. (*ninguém me perguntou*) [_{NP} *as pessoas que foram nomeadas*] (lit. ‘(nobody asked me) the people that were nominated’). Normally, concealed questions can be paraphrased by equative interrogative clauses with *qual* – (*ninguém me perguntou*) [_F *quais são as pessoas que foram nomeadas*] (lit. ‘(nobody asked me) who the people that were nominated were’) – and it is plausible to analyse the former as derived from the latter by ellipsis. However, this is not always the case. After a brief survey of the literature on concealed questions in English, Portuguese and Spanish, I will summarise their main semantic and syntactic properties in Portuguese. It will be shown, on the one hand, that concealed questions form a heterogeneous class in Portuguese, containing subclasses with special properties, viz. those that are selected by predicates of surprise – e.g. (*surpreendeu-me*) [_{NP} *as pessoas que foram nomeadas*] (lit. ‘(it’s amazing) the people that were nominated’) –, which do not allow the paraphrase mentioned above. On the other hand, it will be shown that even the group of concealed questions that can be paraphrased by equative constructions exhibits variation in their grammatical behaviour: some concealed questions display standard sentential properties, others standard nominal properties, others still oscillate between sentential-like and nominal-like behaviours.

Keywords:

Interrogatives. Concealed questions. Indirect questions. Equatives. Ellipsis.

Introdução

As interrogativas encobertas são estruturas que coincidem superficialmente com sintagmas nominais (SN-INT), mas que equivalem a orações interrogativas indiretas com morfemas-Q explícitos (F-INT) e são, portanto, objetos do plano proposicional, não do plano da referência nominal comum. O termo foi cunhado por Baker (1968), na forma inglesa *concealed questions*, tendo sido adaptado ao português como “interrogativas encobertas” – cf. Alvarenga (1981) – e ao espanhol como “interrogativas encubiertas” – cf. Bosque (1982). Vejam-se quatro exemplos, com núcleos nominais com traços semânticos distintos: [+ Humano], [– Animado], [+ Locativo] e [+ Temporal], respectivamente.

- (1) O presidente já sabe [_{SN-INT} as pessoas que vai nomear]: são o Rui e a Ana.
- (2) O Paulo já me disse [_{SN-INT} os livros que vai ler a seguir]: *Dom Casmurro* e *Os Maias*.
- (3) A Assembleia já decidiu [_{SN-INT} o lugar em que vai decorrer o próximo congresso]: vai ser no Teatro Camões.
- (4) O professor perguntou [_{SN-INT} o ano em que Vasco da Gama chegou à Índia], que toda a gente sabe que foi 1498, mas o aluno não foi capaz de responder.

Do ponto de vista da denotação, os constituintes em causa são, como já se disse, proposicionais, não referindo e.g. pessoas, objetos, lugares ou intervalos de tempo, o que se reflete nos seguintes dois comportamentos: por um lado, são parafraseáveis por orações interrogativas equativas com *qual* – cf. alíneas a abaixo – e, por outro lado, rejeitam a combinação com SNs referenciais comuns (SN-COM) com os traços dos núcleos relevantes – cf. alíneas b abaixo.

- (1') a. O presidente já sabe [_{F-INT} quais são as pessoas que vai nomear].
b. *O presidente já sabe [_{SN-COM} o Rui e Ana].
- (2') a. O Paulo já me disse [_{F-INT} quais são os livros que vai ler a seguir].
b. *O Paulo já me disse [_{SN-COM} *Dom Casmurro* e *Os Maias*].
- (3') a. A Assembleia já decidiu [_{F-INT} qual é o lugar em que vai decorrer o próximo congresso].
b. *A Assembleia já decidiu [_{SN-COM} o Teatro Camões].
- (4') a. O professor perguntou [_{F-INT} qual foi o ano em que Vasco da Gama chegou à Índia].
b. *O professor perguntou [_{SN-COM} 1498].

Do ponto de vista distribucional, sobreleva o facto de que os constituintes nominais de valor interrogativo em (1)-(4) são selecionados pelos mesmos predicados que selecionam orações interrogativas indiretas: *saber*, *dizer*, *decidir* e *perguntar*, nos exemplos dados.

A categorização das interrogativas encobertas na literatura oscila essencialmente entre duas propostas: (i) considerá-las versões elípticas de orações interrogativas com morfemas-Q explícitos, como as das alíneas a de (1')-(4'), isto é, como “orações interrogativas indiretas encobertas”; destaca-se em particular a sua correspondência com orações interrogativas do tipo equativo, ou de identificação, com o morfema *qual* em português, ou as suas contrapartidas noutras línguas; (ii) considerá-las genuínos sintagmas nominais, ainda que com propriedades denotativas especiais,

do plano proposicional, isto é, “sintagmas nominais interrogativos”. A primeira análise é adotada, por exemplo, por Baker (1968), Alvarenga (1981), Peres e Móia (1995), Medeiros Júnior (2019) ou Devís Márquez (2020), o primeiro sem fazer a associação explícita a interrogativas equativas e os restantes fazendo-a. A segunda é preferida, por exemplo, por Grimshaw (1979), Bosque (1982; 1989), Suñer (1999), Gallego (2011) ou Matos e Brito (2013). Neste trabalho, considerarei que nenhuma destas duas análises é completamente satisfatória para a totalidade das construções que podemos apelidar de interrogativas encobertas. Na realidade, a etiqueta “interrogativa encoberta” aplica-se – ou pode aplicar-se – a um conjunto heterogéneo de construções, algumas com um comportamento mais próximo do nominal (não oracional), outras com um comportamento mais próximo do oracional – como as quatro exemplificadas em (1)-(4) acima – e outras ainda com um comportamento variável nominal-oracional, a que nenhuma das hipóteses de análise referidas faz plena justiça. Conjeturo que possa ser relevante considerar um processo de mudança linguística (do estatuto categorial) destas estruturas no sentido oracional > nominal, mais avançado nuns casos que noutras, o que justificaria as subclasses identificadas, mas não tentarei aqui fundamentar esta conjectura.

O uso de interrogativas encobertas parece não apresentar diferenças significativas entre o português europeu, a minha variedade, e o português brasileiro. Assim, referirei neste trabalho apenas o seu comportamento em português, sem qualquer outra especificação. Serão apresentados dados ilustrativos de *corpora* da plataforma Linguateca (<http://www.linguateca.pt/ACDC/>), com especial destaque para o CETEMPúblico (texto jornalístico português, 195 milhões de palavras) e o NILC/São Carlos (texto predominantemente jornalístico brasileiro, 34 milhões de palavras), representantes das duas variedades padrão. Muito esporadicamente, será usado o Corpus Brasileiro dessa plataforma (908 milhões de palavras), que integra registos mais variados. Será ainda ocasionalmente usado o *corpus* Vercial (texto literário português, dos séculos XVI a XX). A observação deste *corpus* mostra que a utilização de interrogativas encobertas é um fenómeno antigo na língua. Vejam-se os dois exemplos a seguir:

(5) “(...) per todolos solorgiães [o principe] soube [_{SN-INT} os homens que naquella noite, e aaquellas oras e lugar forão feridos]; e sabido [], lhe mandou logo fazer merces de dinheiro (...).”

(Garcia de Resende, *Livro das Obras*, 1545, in Vercial).

(6) “De um cidadão se conta (...) que, sendo enviado por procurador a Cortes, lhe esqueceu no caminho o que a cidade lhe encomendara, tornou a dormir à casa a perguntar a sua mulher [_{SN-INT} o negócio a que ia] (...).”

(Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, 1618, in Vercial)

1. As interrogativas encobertas na literatura sobre o inglês, o português e o espanhol – breve resenha

Baker (1968) cunhou o termo *concealed question* para referir estruturas que coincidem superficialmente com sintagmas nominais, mas que, por um lado, podem ser parafraseadas por orações interrogativas indiretas com morfemas-Q explícitos e, por outro lado, são selecionadas pelos mesmos predicados que selecionam interrogativas indiretas (e.g. *ask*, *tell*, *find out*, *remember*). Nas palavras do autor, as interrogativas encobertas representam “a construction which is closely related to indirect questions in its semantic interpretation and its distribution” (p. 2). Importa sublinhar desde já que Baker classificava como interrogativas encobertas quer sintagmas com modificadores oracionais relativos, a que a literatura posterior costuma dar especial destaque (a ponto de alguns autores que discutem estas construções apenas referirem exemplos desse tipo), como em (7)-(8), quer sintagmas sem esse modificadores, como em (9)-(10). Seguem-se exemplos com as minhas traduções para português.

(7) John refused to tell the police [_{SN-INT} the fellows *who had been involved*].

(O John recusou-se a dizer à polícia as pessoas que estiveram envolvidas.)

(8) Sally can't remember [_{SN-INT} the salad dressing *that John detests most*].

(A Sally não se lembra do molho para saladas que o John mais detesta.)

(9) Allen hasn't yet found out [_{SN-INT} the plane's arrival time].

(O Allen ainda não descobriu a hora de chegada do avião.)

(10) John didn't know [_{SN-INT} the exact amount of his debt].

(O John não sabia o montante exato da sua dívida.)

Note-se ainda que, embora as interrogativas encobertas correspondam tipicamente a sintagmas nominais introduzidos por artigos definidos, podem também corresponder a sintagmas nominais quantificados, como nos exemplos (11)-(12). As estruturas com quantificadores têm propriedades muito especiais e particular complexidade – cf. análises em e.g. Heim (1979), Frana (2013) ou Devís Márquez (2020) – e não serão tratadas neste trabalho.

(11) John told me [_{SN-INT} *several* of the people who were there].

(O John disse-me várias das pessoas que estiveram lá.)

(12) John knows [_{SN-INT} *every* phone number].

(O John sabe todos os números de telefone.)

Grimshaw (1979) chama a atenção para o facto de que nem todos os verbos que selecionam orações interrogativas indiretas aceitam bem interrogativas encobertas. Este facto – observável também, com maior ou menor expressão, noutras línguas – tem sido usado por diferentes autores como argumento central contra a análise das interrogativas encobertas como elipses de orações interrogativas plenas e a favor da sua análise como constituintes genuinamente nominais. Entre os verbos que aceitam interrogativas comuns, mas não interrogativas encobertas, em inglês, contam-se *wonder*, *inquire* e *care*: *I wonder {what answer he gave / *the answer he gave}*. Devís Márquez (2020, p. 469-470) mostra que no espanhol as contrapartidas destes verbos ingleses se podem combinar regularmente com interrogativas encobertas (*me pregunto las razones que lo llevaron a hacer eso*). A questão dos predicados que apresentam restrições à combinação com interrogativas encobertas, que é complexa e apresenta muitas diferenças de língua para língua, será aqui ignorada.

Para o português, Alvarenga (1981) propõe uma análise das interrogativas encobertas que consiste essencialmente em considerá-las versões elípticas de interrogativas equativas com o morfema *qual* e o verbo *ser* de identidade. Esta análise é retomada e defendida mais recentemente por Medeiros Júnior (2019), por exemplo. Como refere Alvarenga (1981: 123), as interrogativas encobertas não apresentam “na superfície, um termo interrogativo [*qual*], termo esse que, certamente, estará presente na estrutura subjacente e que, por efeito de uma regra, é eliminado a partir de certo estágio da derivação”.

(13) Pedro sabe [_{SN-INT} os prejuízos que seu pai teve].

(ALVARENGA 1981: 122)

≡ Pedro sabe [_{F-INT} quais os prejuízos que seu pai teve].

(14) Pedro disse [_{SN-INT} os livros que Paulo comprou].

(ALVARENGA 1981: 139)

≡ Pedro disse [_{F-INT} quais (são) os livros que Paulo comprou].

Alvarenga (1981), porém, parece só estar a considerar um subconjunto das estruturas que Baker (e outros) apelidam de interrogativas encobertas. Com efeito, o autor chama a atenção para a importância de dois elementos gramaticais nas interrogativas encobertas: a presença do artigo definido (ignorando, portanto, os casos de quantificação do tipo de (11)-(12)) e a presença de um modificador, tipicamente sob a forma de uma oração relativa restritiva (ignorando, portanto, os casos sem modificadores do tipo de (9)-(10)).

“(...) um fato curioso que ocorre nas interrogativas indiretas encobertas. Nessas sentenças sempre haverá um artigo definido conjugado (...) com a presença de uma restrição ao nome. Se aparece o artigo, mas não a restrição, a sentença será agramatical [**sei os livros*]. Se aparece a restrição, mas não o artigo, a sentença

será igualmente agramatical [**sei livros que você comprou*] (...). A sentença só será gramatical se ocorrerem, junto ao nome, o artigo definido e a restrição (...)" (ALVARENGA, 1981, p. 126)

Se se quiser integrar na classe das interrogativas encobertas, como parece fazer pleno sentido, construções sem modificadores como *ele perguntou-me [a idade]*, *não sei [o caminho]* ou *dizes-me [as horas], por favor?*, a generalização de Alvarenga é demasiado forte e carece de revisão. Devís Márquez (2020), por exemplo, propõe para o espanhol a mesma análise por elipse e contempla explicitamente os casos que Alvarenga ignora.

Passemos agora ao espanhol, que também possui construções interrogativas afins das inglesas e portuguesas, denominadas “preguntas encubiertas”. Estas construções espanholas têm sido muito estudadas, incluindo por gramáticos novecentistas (como o colombiano Rufino J. Cuervo). Destacarei aqui alguns trabalhos: Bosque (1982; 1989), Contreras (1999), Suñer (1999) e Devís Márquez (2020).

Bosque (1982, p. 31-34; 1989, p. 91-97) discute interrogativas encobertas coincidentes com SNs tanto sem modificadores (que podem ter núcleos simples ou núcleos complementados) como com modificadores. São do primeiro tipo: *pregúntale [la hora], la temperatura depende de [la humedad], [la solución] es evidente, decidieron [la altura del edificio]*. São do segundo tipo: *pregunta [la semana en que vendrá], es evidente [el camino que eligió], no está seguro de [el libro que quiere]*. É interessante neste autor a sugestão de possíveis efeitos de lexicalização, ao referir a existência de expressões predicativas como *preguntar [la hora], saber [el camino]* ou *adivinar [la edad]*, ou processos limitados a “paradigmas léxicos muy reducidos”, como nas sequências metonímicas *dime [tu teléfono]* ou *pregúntale [su habitación]*, a par de *no recordaba [su número de zapato]*. Bosque defende que as interrogativas encobertas não devem ser analisadas como versões elípticas de orações interrogativas plenas com o morfema *cuál*, mas antes como genuínos sintagmas nominais, de subtipo interrogativo: “Es de suponer que la postura tradicional ante estas oraciones fuera entender que se ha producido en ellas una elipsis (...). Creemos que es posible interpretar tales SSNN como interrogativas indirectas sin pasar necesariamente por tales estadios.” (BOSQUE, 1982, p. 31).

Bosque (1982; 1989) identifica várias diferenças gramaticais entre sintagmas nominais interrogativos (isto é, interrogativas encobertas) e sintagmas nominais comuns. Destaco três. Voltaremos mais tarde às duas últimas.

Primeiro, os SNs interrogativos não podem ser precedidos pela pseudo-preposição *a* que acompanha SNs comuns complemento direto com o traço [+Humano] e valor específico em espanhol, como em *conozco a Juan* – cf. Bosque (1982, p. 32-33; 1989, p. 95-96). Trata-se de uma situação excepcional que permite distinguir os dois tipos de SNs, comuns e interrogativos, nos contextos com os valores em causa. Obviamente, isto só acontece em espanhol, já que a propriedade em causa

não tem contrapartidas noutras línguas, nomeadamente o português¹ ou o inglês. Nos contextos com outros valores, SNs interrogativos e SNs comuns são idênticos na forma também em espanhol. Assim: com *decidir*, que não aceita SNs comuns [+Humano] como complemento, o uso de *a* é bloqueado – *aun no han decidido* [SN-INT {el / *al} *ministro de comercio*]; com *estudiar*, que admite ambos os tipos de SNs, a presença ou ausência da preposição *a* determina o valor – *estudian* [SN-INT el *delegado que enviarán*] vs. *estudian* [SN-COM al *delegado que enviarán*]; não estando envolvidos complementos com o traço [+Humano] (e portanto, não sendo usado *a*), a ambiguidade surge – *estudian* [SN-INT / SN-COM *la solución*], *no me importa* [SN-INT / SN-COM *su respuesta*]. Este tipo de ambiguidade será o tema da secção 3.

Segundo, não é normalmente possível a retoma anafórica de SNs interrogativos por pronomes pessoais com os traços de género e número dos núcleos nominais desses sintagmas – cf. Bosque (1982, p. 33). Essa retoma faz-se sempre por pronomes neutros de terceira pessoa singular, independentemente dos núcleos nominais em causa. Assim, por exemplo, um SN interrogativo com núcleo feminino *calle* não é retomado pelo clítico acusativo feminino *la* mas sim pelo clítico demonstrativo masculino *lo* – *me dijó [la calle]*, *pero {[lo] / ?[la]}* *olvidé*. Ao que parece, as estruturas em causa não são consensualmente aceites ou rejeitadas por todos os falantes do espanhol – cf. e.g. Suñer (1999, p. 2177). Voltaremos a esta questão adiante.

Terceiro, é frequente encontrar interrogativas encobertas sujeito em que não há concordância do verbo com o núcleo nominal do SN interrogativo (e.g. *es increíble*_{SG} [*las historias*_{PL} *que cuenta*], *es curioso*_M [*la forma*_F *de andar que tiene*]) – cf. Bosque (1989, p. 94-95). Porém, Bosque não toma este facto como uma indicação do caráter não nominal (isto é, oracional) da interrogativa encoberta, antes considera que é um exemplo – não especial – de ausência de concordância SN-sujeito/verbo, que se observa também com outros SNs, comuns, tanto na “língua antiga” – *sabido*_M [*la poca gente*_F *con que el conde se acercaba*] (Coloma) – como na “língua coloquial atual” – *es absolutamente necesario*_M [*la dimisión*_F *del concejal de tráfico*]. Também voltaremos a esta questão adiante.

Contreras (1999, p. 1949) sublinha um facto a que interessa atender: que a possibilidade de as interrogativas encobertas corresponderem a SNs sem modificadores apenas existe de forma muito limitada – “Cuando la pregunta encubierta está representada por un sintagma nominal simple sin modificación, como en [*me preguntó la hora*] (...), las posibilidades son muy limitadas. Sólo se dan sintagmas nominales que denotan ubicación en alguna escala convencional: peso, edad, profesión, domicilio, etc. Otros sintagmas nominales producen anomalía [**me preguntó mis amigos*] (...).”

Suñer (1999, p. 2174ss.) estende às interrogativas encobertas uma distinção que utiliza para as interrogativas oracionais comuns (cf. p. 2155-2156) entre “preguntas

¹O uso da preposição *a* em complementos diretos é excepcional no português contemporâneo – cf. e. g. *amar a Deus*.

verdaderas” e “preguntas impropias”. Para as encobertas, exemplos de cada uma das classes seriam, respetivamente, *le preguntó [su dirección]* (“pregunta encubierta verdadera”) e *sabía [su dirección]* (“pregunta encubierta impropia”). Esta distinção assenta em critérios semântico-pragmáticos, assumindo-se que, no primeiro caso, as interrogativas “expresan una pregunta” e, no segundo caso, “aseveran una proposición”. As diferenças semântico-pragmáticas em jogo são afins das que Huddleston (2002, p. 981-983) discute, sob as designações – a meu ver muito mais felizes que as de Suñer – “interrogativas orientadas para a pregunta” (afins das “verdadeiras”) e “interrogativas orientadas para a resposta” (afins das “impróprias”). Para os efeitos da discussão neste trabalho, estas dicotomias não são, porém, especialmente importantes, ainda que o tipo de predicado superior, que está no centro destas distinções, seja. Referirei as construções relevantes que me interessa distinguir apenas com fórmulas descritivas como “interrogativas encobertas dependentes de predicados de tipo x” (sendo que quando os predicados relevantes são de inquirição temos o protótipo das “interrogativas próprias” e das “orientadas para a pregunta”).

Suñer (1999, p. 2175-2176) refuta explicitamente a análise das interrogativas encobertas como reduções por elipse de orações interrogativas plenas: “desechamos cualquier intento de derivar las [preguntas encubiertas] (...) de las interrogativas indirectas” (p. 2176). Entre os seus argumentos contra a elipse destaca-se o facto de que nem todos os predicados que aceitam interrogativas indiretas plenas aceitam interrogativas reduzidas (um facto notado para o inglês por Grimshaw 1979) e a impossibilidade de, em certos casos, “converter” interrogativas equativas com *cuál ser* SN em interrogativas encobertas mediante o apagamento dos primeiros dois elementos: *Juan sabe cuál es el hermano de Luis* > **Juan sabe el hermano de Luis*. Ou seja, o processo de redução elíptica não é produtivo em 100% dos casos.

Por fim, Devís Márquez (2020) – em absoluto contraponto com Suñer – defende que as interrogativas encobertas têm uma estrutura oracional elíptica, não nominal, sendo efetivamente reduções de interrogativas equativas, ou seja, defende para o espanhol a tese já defendida por Alvarenga (1981) para o português. O autor invoca as três distinções entre SNs interrogativos e SNs comuns de Bosque (1982; 1989) referidas anteriormente para defender a sua análise. Adiciona-lhes outros argumentos, de que destaco três. Os dois primeiros serão retomados adiante, e analisados no português.

Primeiro, é possível coordenar interrogativas encobertas com interrogativas plenas sem qualquer sensação de estranheza – cf. Devís Márquez (2020, p. 466-467). Este facto também já tinha sido notado para o inglês; veja-se o exemplo de Roelofsen e Aloni (2008, p. 3), *I only knew [_{SN-INT} the capital of Italy] and [_{F-INT} who won the Worldcup] in 1986*. Devís Márquez dá exemplos dessas coordenações com *cuál: dígame* [_{SN-INT} el camino que he de seguir] y [_{F-INT} cuál es la estación más próxima]. Sublinha ainda que, se a sequência relevante tiver uma interpretação como genuíno SN referencial, não como interrogativa encoberta, não pode ser coordenada com

uma interrogativa indireta: **no recuerdo [SN-COM la capital de Cuba] ni [F-INT cuál es la capital de España]*.

Segundo, não é possível realizar concordância negativa entre uma negação exterior e elementos no interior de interrogativas encobertas: “La interpretación de interrogativa encubierta no parece posible en los ejemplos con cuantificadores que son términos de polaridad negativa, caso del existencial *ninguno*: (...) *No {preguntas / digas} ninguna dirección*” (p. 487). Como veremos adiante, esta propriedade não se verifica no português, onde a concordância negativa em causa parece possível. Para Devís Márquez, este facto aproxima as interrogativas encobertas das interrogativas equativas com *cuál*, que também bloqueiam processos de concordância negativa desencadeados por elementos exteriores: “Resulta obvio, pues este tipo de sintagma cuantificado no es admisible como atributo en las copulativas especificativas. (...) **No {preguntas/digas} cuál es ninguna dirección*”.

Terceiro, é possível integrar nas interrogativas encobertas adjuntos – espaciais ou temporais – que não dependem do verbo mais alto, mas sim do predicado equativo subentendido na estrutura subordinada (e.g. *pregunté [SN-INT la dirección [en Nueva York] [en estos momentos]]* – cf. Devís Márquez (2020, p. 467-468). Um exemplo português mais claro poderia ser: *perguntei [SN-INT a nacionalidade dos imigrantes [no dia 1 de janeiro de 2001]]*, já que a nacionalidade que tinham nessa data é que é crucial para a atribuição da autorização de residência. Não creio que este seja um argumento válido, porém, na medida em que os adjuntos adverbiais (temporais ou locativos) podem ter uma distribuição também adnominal – cf. e.g. *[SN-COM o casamento da Ana [em 1980]] foi celebrado por um padre da Igreja Ortodoxa; [SN-COM a minha nacionalidade [em 1980]] e [SN-COM a minha nacionalidade [em 1995]] coincidiam*.

2. Interrogativas encobertas em português – entre propriedades oracionais e propriedades nominais

Vimos na secção introdutória que as interrogativas encobertas se distinguem por propriedades denotacionais e distribucionais próprias: o seu caráter proposicional e a dependência exclusiva de predicados que selecionam orações interrogativas indiretas (ainda que com distribuição mais limitada). Estes factos gramaticais são consensualmente reconhecidos, independentemente do estatuto categorial que cada autor prefira atribuir às interrogativas encobertas: como SNs superficiais derivados de orações interrogativas por elipse de um morfema-Q e um verbo ou como genuínos SNs (interrogativos) não derivados.

Destacarei nesta secção sete propriedades gramaticais (A-F abaixo) – algumas retomadas dos autores referido em 1, outras novas – que mostram, na minha opinião, dois factos: primeiro, que as interrogativas encobertas são uma classe heterogénea,

havendo possivelmente subgrupos com propriedades mais próximas de orações (elípticas) e outros mais próximos de genuínos sintagmas nominais; segundo, que numa mesma subclasse se identificam, por vezes, lado a lado, comportamentos díspares, ora oracionais ora nominais.

A. Possibilidade de paráfrase com interrogativas indiretas com morfemas-Q explícitos

[comportamento oracional; exceções em algumas interrogativas encobertas]

Trata-se do facto mais destacado na literatura. Com efeito, as interrogativas encobertas ocorrem tipicamente nos mesmos contextos que as orações com morfemas interrogativos explícitos, uma vez que são selecionadas pelos mesmos predicados. As paráfrases prototípicas são com interrogativas do subtipo equativo, expressas em português com o morfema *qual* e o verbo *ser* de identidade (ainda que este seja frequentemente omitido) – cf. e.g. Alvarenga (1981), Peres e Móia (1995), Medeiros Júnior (2019), Devís Márquez (2020). Vejam-se os exemplos (1)-(4) acima, um dos quais é repetido abaixo, por facilidade:

(15) O presidente já sabe [_{SN-INT} as pessoas que vai nomear].

(16) O presidente já sabe [_{F-INT} quais (são) as pessoas que vai nomear].

Porém, há algumas exceções notáveis a esta possibilidade de paráfrase, nem todas destacadas na literatura.

Primeiro, com formas que tendem à lexicalização (cf. observações de BOSQUE, 1982, ou CONTRERAS, 1999, na secção 2), como *perguntar a idade* ou *perguntar o caminho*, a formulação com interrogativa-Q equativa, sendo possível, é infrequente, podendo soar desnecessariamente prolixa: *perguntaram-lhe a idade* vs. *perguntaram-lhe qual era a idade que tinha*; *estou perdido, vou perguntar o caminho* vs. *estou perdido vou perguntar qual é o caminho (para o sítio para onde quero ir)*. A expressão *perguntar as horas* não tem paráfrase possível com uma interrogativa equativa, possivelmente porque tem na base uma construção de sujeito expletivo ([_{EXPL} são dez horas]) – **perguntar quais são as horas*. Neste caso, a paráfrase tem de ser com outro tipo de interrogativa-Q – *perguntar que horas são*. A expressão *perguntar as horas* está fortemente lexicalizada.

Segundo, interrogativas encobertas dependentes de predicados mirativos, como *surpreender*, *admirar* ou *espantar*, o grupo SURPRISE de Huddleston (2002, p. 976), que são predicados factivos, não admitem paráfrases com interrogativas com *qual*. Esta incompatibilidade verifica-se quer com *qual* pró-SN que ocorre em interrogativas equativas (cf. [_{SN} *qual*] é [_{SN} *o livro*]), que é o relevante aqui, quer com *qual* adnominal que ocorre em sequências como [_{SN} *qual livro*]). Assim, uma interrogativa encoberta

como a de (17) não pode ser parafraseada por uma interrogativa equativa – cf. (18) –, ainda que possa sê-lo por outras interrogativas-Q – cf. (19):

(17) Surpreendeu-me [_{SN-INT} o tempo que aguentaste debaixo de água sem respirar].

(18) *Surpreendeu-me [_{F-INT} qual foi o tempo que aguentaste debaixo de água sem respirar].

(19) Surpreendeu-me [_{F-INT} quanto (tempo) aguentaste debaixo de água sem respirar].

As propriedades únicas destas construções – que mantenho dentro da classe das estruturas interrogativas (não as classificando como exclamativas, contra algumas propostas na literatura) – serão analisadas na secção 4.2.

Há ainda um terceiro caso excepcional de impossibilidade de parafrasear interrogativas encobertas mediante interrogativas equativas com *qual*, muito circunscrito, respeitante a estruturas com concordância negativa. Será discutido na secção E abaixo (cf. (35) vs. (38), ou (36) vs. (39)).

B. Possibilidade de retoma com interrogativas-Q plenas

[comportamento oracional]

Em contexto dialogais ou afins, do tipo de (20)-(22), podem formar-se cadeias referenciais no discurso entre interrogativas encobertas e interrogativas-Q plenas.

(20) – Já sei *o caminho*.

– Então diz lá. *Qual é o caminho?*

(21) – Já decidi *as pessoas que vão ser convidadas*.

– Então diz lá. *Que pessoas é que vão ser convidadas?*

(22) O Pedro não me disse *as pessoas que foram convidadas*.

Podes dizer-me tu? *Que pessoas é que foram convidadas?*

C. Possibilidade de coordenação com interrogativas-Q plenas

[comportamento oracional]

Como vimos na secção 1, Devís Márquez (2020) chama a atenção para esta possibilidade de coordenação em espanhol, e outros autores já haviam feito o mesmo em relação ao inglês. Em português, a coordenação de SNs comuns com frases dá normalmente origem a sequências pouco naturais – cf. e.g. ?? *o Paulo sabe* [_{SN} *latim*]

e [F que a Ana nasceu em Roma]; ??o Paulo contou à Ana [SN uma anedota] e [F que já tinha trabalhado num museu]; ??quero perguntar-te [SN uma coisa sobre o trabalho] e [F em quem é que vais votar]. Porém, as interrogativas encobertas combinam-se sem qualquer estranheza com interrogativas-Q plenas:

(23) O Pedro já me disse [SN-INT os atores que foram nomeados] e [F-INT quem os nomeou].

(24) O Pedro não me disse nem [SN-INT os atores que foram nomeados] nem [F-INT quem os nomeou].

Vejam-se em (25)-(26) dois exemplos deste tipo de coordenações em texto jornalístico português e, por curiosidade, em (27), um exemplo de texto literário do séc. XVII:

(25) “É preciso sermos capazes, na administração pública (...), de saber [SN-INT as pessoas que há], [F-INT quantos se querem admitir] e, em relação aos que existem, [F-INT o que se prevê que vai acontecer-lhes nos anos seguintes].”

(CETEMPúblico, ext228652-soc-94a-1)

(26) “O computador estoirou, já nunca ninguém saberá ao certo [SN-INT as crianças que partiram], [F-INT para onde], [F-INT com quem]...” (CETEMPúblico, ext1120060-clt-92b-1)

(27) “Havendo (...) nesta nossa idade tantos impérios, (...) com razão se deve (...) desejar saber [SN-INT a causa pôr que este nosso Império (...) recebe o número de Quinto], e [F-INT quais sejam em ordem os outros quatro que lhe deram este lugar ou este nome].”

(Padre António Vieira, *História do Futuro*, 1659, in Vercial)

D. Possibilidade de “eco” mediante interrogativas com o que

[comportamento oracional]

Em contexto dialogais do tipo de (28) e (29) abaixo, quando as interrogativas encobertas são retomadas (em “eco”), usam-se frases com o morfema interrogativo *o que*, não com morfemas interrogativos com os traços do núcleo do SN superficial, e.g. *quem* para pessoas ou *onde* para lugares):

(28) – O Pedro não me disse [SN-INT as pessoas que foram convidadas].

– {*O que* / **Quem*} é que o Pedro não te disse?

(29) – O Pedro não sabe [SN-INT o lugar onde as chaves foram guardadas].

– {*O que* / **Onde*} é que o Pedro não sabe?

Esta propriedade é discutida em Baker (1968, p. 9-10), que atribui a sua identificação a Otto Jespersen (na sua *Modern English Grammar on Historical Principles*, 1909-1949), para distinguir interrogativas-Q indiretas de orações relativas livres. O autor diz: “when an indirect question is itself questioned, the question-word employed is always *what*, no matter what question-word appears at the beginning of the subordinate clause” – *John knows* [_{F-INT} *where the Cottonwood River joins the Neosho*] > *What does John know?* vs. *John lives* [_{F-REL} *where the Cottonwood River joins the Neosho*] > *Where does John live?*

E. Resistência pontual à pronominalização com pronomes pessoais (com os traços do núcleo do SN interrogativo)

[comportamento variável (consoante as construções): de oracional a nominal]

Como já vimos, esta propriedade é notada por Bosque (1982, p. 33) para o espanhol, que dá exemplos de dificuldade ou impossibilidade de retoma anafórica em estruturas adversativas – *?me dijó [la calle], pero [la], olvidé; *Luis se enteró de [la hora], pero yo no me enteré de [ella]*.¹ Ela é retomada por Devís Márquez (2020: 475), que refere, muito pertinentemente, casos em que a pronominalização pessoal bloqueia a leitura interrogativa, como acontece nos complementos de *depender*: *el resultado dependerá {del autor que elijas para tu trabajo de literatura / de eso / *de él}*. Em muitas estruturas do português (adversativas ou justapostas), o comportamento parece ser semelhante ao que é descrito por Bosque e Devís Márquez para o espanhol. Há, na realidade, uma graduação entre a impossibilidade de pronominalização, como em (30), a forte marginalidade, como em (31), e a marginalidade ligeira, como em (32):

(30) O resultado depende d[_{SN-INT} o autor que escolheres para o trabalho].

*Depende apenas d[ele].

(31) Já sei [_{SN-INT} as pessoas que irão discursar]. ??Finalmente, já [as] sei.

(32) ?Perguntei [_{SN-INT} o caminho para o castelo], porque não me lembro bem d[ele].

Mas é também possível construir exemplos perfeitamente naturais em que uma interrogativa encoberta é retomada por um pronome pessoal, documentando um comportamento genuinamente nominal:

(33) Quisemos saber [_{SN-INT} a pessoa que vai ser nomeada], porque {[ela]_i é determinante no futuro da empresa / [a]_i queremos convidar para fazer uma palestra no congresso}.

(34) Ainda não sabemos [_{SN-INT} as pessoas que foram convidadas para fazer parte do novo Governo]. Espero que todas [elas]_i sejam competentes.

Não são claros todos os fatores que determinam esta gradação de aceitabilidades. Deixarei a questão para investigação futura.

F. Possibilidade de concordância negativa com elementos exteriores à interrogativa

[comportamento nominal]

Diferentemente do que Devís Márquez (2020) assume para o espanhol, creio que é possível em português – ainda que com restrições que interessará explorar melhor em trabalhos futuros – integrar nas interrogativas encobertas expressões em concordância negativa com elementos exteriores.

(35) *Não reveles* [_{SN-INT} *nenhuma* das pessoas que o presidente vai condecorar]. A lista que te vou mostrar é confidencial.

(36) Ele *não* me perguntou [_{SN-INT} *nenhuma* das pessoas que vinham à festa]. Nem me perguntou se vinha a Ana, por quem ele anda apaixonado.

A possibilidade parece não ser muito explorada pelos falantes. Pesquisas no conjunto de *corpora* da Linguateca, com a *query* [lema="dizer|revelar|perguntar"] "nenhum.*", geram poucos resultados deste tipo. Veja-se, porém, o seguinte exemplo, plenamente gramatical:

(37) "Suplicy *não* revelou [_{SN-INT} *nenhum* integrante do secretariado], dizendo que isso é prerrogativa exclusiva de Marta."

(Corpus Brasileiro, Linguateca)

A possibilidade de concordância negativa não está disponível para as interrogativas equativas plenas correspondentes, um aspeto em que o português e o espanhol se assemelham. Compare-se (35) e (36) acima com (38) e (39), respetivamente.

(38) **Não reveles* [_{F-INT} qual é *nenhuma* das pessoas que o presidente vai condecorar]. (A lista que te vou mostrar é confidencial.)

(39) *Ele *não* me perguntou [_{F-INT} qual era *nenhuma* das pessoas que vinham à festa]. (Nem sequer me perguntou se vinha a Ana.)

Assim, a possibilidade de concordância negativa em interrogativas encobertas pode ser tomada como um sinal de que ou elas não derivam de interrogativas equativas plenas por elipse, ou, tendo derivado, sofreram entretanto processos de mudança (e.g. aquisição de propriedades genuinamente nominais, por apagamento do nó F, ou outro mecanismo de efeitos semelhantes).

G. Preferência pela concordância (do verbo da matriz) com o núcleo nominal de interrogativas encobertas sujeito

[comportamento variável, mas com predomínio do comportamento nominal]

Quando as interrogativas encobertas têm a função de sujeito, é preferida – em português – a concordância do verbo da matriz com o seu núcleo nominal, o que aponta para um estatuto de genuíno SN da construção encoberta. Porém, persiste a possibilidade, porventura mais marginal às vezes (cf. sinalizações com “?” abaixo), de uso da forma neutra de terceira pessoa do singular, masculino, quando há participios, o que (discutivelmente) aponta para o estatuto oracional da construção encoberta.

(40) Ainda não ficou *{?decidido / decidida}* [_{SN-INT} a *frequência* com que o comboio Lisboa-Madrid irá circular].

(41) Não *{?importa / importam}* muito [_{SN-INT} as *consequências*].

No CETEMPúblico é muito mais frequente a concordância do verbo com o núcleo nominal da interrogativa encoberta:

(42) “O conselho directivo (...) não quis apresentar declaração oficial (...) nem tão pouco foi *revelada* [_{SN-INT} a *empresa* que forneceu os ovos].”

(CETEMPúblico, ext270842-soc-94a-2)

Mas, sintomaticamente, há também aí exemplos, ainda que poucos, do verbo na terceira pessoa do singular, masculino, com núcleos nominais femininos e/ou plurais:²

(43) “As notas destinavam-se a um banco norte-americano em Genebra e não foi *revelado* [_{SN-INT} a *soma* exacta que seguia no avião].”

(CETEMPúblico, ext526896-soc-98b-2)

Observe-se que, diferentemente, em frases com interrogativas equativas com *qual*, a forma verbal da matriz é sempre singular, nas construções canónicas.³

(44) Ainda não ficou *{decidido / ??decidida}* [_{F-INT} *qual* é a *frequência* com que o comboio Lisboa-Madrid irá circular].

² Não encontrei exemplos deste tipo no NILC/São Carlos, mas ocorrem no Corpus Brasileiro, da Linguateca: e.g. “Todavia, quando lhes foi perguntado os *animais mais procurados para caça na região*, a ordem de importância foi alterada (...).”

³ Observa-se, porém, alguma tendência para realizar a concordância (anomalamente) com os núcleos nominais, mesmo em interrogativas-Q equativas. Vejam-se dois exemplos, um português e outro brasileiro: “O Governo pretende que o novo período de legalização decorra em Março (...), mas ainda não foi *decidida qual a sua duração.*” (CETEMPúblico, ext811755-soc-95b-1); “Em uma das questões foi *perguntada qual a atitude* que os empregados de um prédio deveriam ter se lhes fosse dito pelos moradores para utilizarem também o elevador social.” (Corpus Brasileiro, Linguateca).

A este propósito, o verbo *importar* é bastante interessante, porque o seu argumento potencialmente interrogativo é externo e, portanto, realizado tipicamente com a função de sujeito. Ora, quando esse SN é plural, observa-se, pelo menos no CETEMPúblico, uma clara oscilação entre a flexão de *importar* no plural (que é mais frequente) – cf. (45) – e no singular – cf. (46).

(45) «Esta é a superfície mais rápida do mundo. Eu, Goran (...) ou Boris (...) vamos sempre fazer ases, não *importam* [_{SN-INT} as *bolas* que usarmos]», garantiu.

(CETEMPúblico, ext111733-des-95a-1)

(46) (...) quando um jogador se sente em casa quando pisa o «court» não *importa* [_{SN-INT} os *resultados* anteriores].

(CETEMPúblico, ext141275-des-98a-2)

Se a falta de concordância em estruturas como (43) ou (46) não for atribuível a tendências gerais da concordância sujeito (pós-verbal)-verbo, como Bosque (1982) assume que é no caso do espanhol, então podemos considerar que a competição entre as duas estratégias – concordância com o núcleo nominal ou uso da forma neutra de terceira pessoa do singular (usada canonicamente para sujeitos frásicos) – aponta para um comportamento categorial oscilante, entre sintagma nominal e oração (elíptica). A justiça plena a estas construções passaria pelo reconhecimento dessa dualidade idiosincrásica.

Em suma, verificámos nesta secção que as interrogativas encobertas apresentam diversas propriedades sintáticas que as aproximam dos constituintes frásicos, mas – muito curiosamente – apresentam outras que evidenciam comportamentos de genuínos constituintes nominais e outras ainda que revelam oscilações no comportamento. Adicionalmente, verificámos que nem todas as interrogativas encobertas têm exatamente as mesmas propriedades, destacando-se das restantes pelo menos as formas mais lexicalizadas sem modificadores (*perguntar as horas*, *perguntar o caminho*), as formas dependentes de predicados mirativos (*surpreendeu-me o tempo que aguentaste...*) e as formas com concordância negativa (*não reveles nenhuma das pessoas...*). O uso de interrogativas encobertas com a função de sujeito é especialmente propenso a variação de comportamentos.

3. Interrogativas encobertas vs. sintagmas nominais comuns

Tem sido muito discutida na literatura, incluindo sobre o português – cf. e.g. Brito (1988), Móia (1992) ou Matos e Brito (2018) –, a ambiguidade que existe entre orações interrogativas indiretas (INT) e orações relativas livres (REL), em frases como as seguintes:

(47) O jornalista não sabe [_{F-INT / F-REL} o que o diretor sabe].⁴

Interrogativa: ‘o jornalista não sabe o que é que o diretor sabe’

Relativa: ‘o diretor sabe coisas que o jornalista não sabe’

(48) O jornalista não viu [_{F-INT / F-REL} quem estava na sala].

Interrogativa: ‘o jornalista não viu quem é que estava na sala, não viu quais eram as pessoas que estavam na sala’

Relativa: ‘havia pessoas na sala e o jornalista não as viu’

Ora, esta ambiguidade é exatamente do mesmo tipo que a que podemos observar entre interrogativas encobertas (SN-INT) e SNs comuns contendo relativas restritivas (SN-COM). Vejam-se as duas frases a seguir, com ambiguidades paralelas às de (47) e (48), respetivamente:

(49) O jornalista não sabe [_{SN-INT / SN-COM} as coisas que o diretor sabe].

(50) O jornalista não viu [_{SN-INT / SN-COM} as pessoas que estavam na sala].

O que importa destacar é que a ambiguidade está estritamente dependente das propriedades de seleção semântica dos predicados superiores. Assim, se o predicado puder selecionar complementos interrogativos e simultaneamente SNs comuns com os traços semânticos dos núcleos desses complementos interrogativos, gerar-se-á em princípio ambiguidade. Se não, não se gerará. Assim, a emergência de ambiguidade tem de ser vista predicado a predicado, traço a traço.

Por exemplo, com *ver* ou *depender* e traço [+ Humano] gera-se ambiguidade, como em (50) e (51), respetivamente, mas com *saber* e traço [+Humano] não se gera – cf. (52); já com *saber* e traço [– Animado] pode gerar-se, como em (49).

(51) Tudo dependerá d[_{SN-INT / SN-COM} a pessoa que o presidente nomear].

Interrogativa encoberta: ‘tudo dependerá de quem seja essa pessoa’

SN comum com relativa: ‘tudo dependerá dessa pessoa, dela’

(52) O jornalista não sabe [_{SN-INT} as pessoas que o diretor vai contratar].

Nalguns casos, pode até ser difícil destrinçar as interpretações, como nos seguintes exemplos com *depender* e *saber*, já que “depender de uma verba” e “depender de qual seja uma verba”, por um lado, e “saber o conteúdo de uma mensagem, conhecê-lo” e “saber qual é o conteúdo de uma mensagem”, por outro lado, podem identificar situações com diferenças pragmaticamente irrelevantes.

⁴ Cf. o exemplo clássico da literatura I *know what he knows*, discutido por Baker (1968) e apresentado originalmente em Lees (1960).

(53) Tudo dependerá d[_{SN-?} a verba que nos for atribuída].

(54) Ainda não sabemos [_{SN-?} o conteúdo da mensagem].

Vejamos a situação com mais pormenor, para alguns predicados verbais que selecionam orações interrogativas, pertencentes a diferentes grupos na tipologia de Huddleston (2002): *saber* (grupo KNOWING), *adivinar* (grupo GUESSING), *depender* (grupo DEPENDANCE), *importar* (grupo CONCERNING) e *dizer* *repeito a, ter a ver com* e afins (grupo SIGNIFICANCE).

Os verbos *saber* e *adivinar* têm propriedades de seleção semântica semelhantes. Com estes predicados, há inequívocas interrogativas encobertas sempre que os complementos nominais têm, por exemplo, um núcleo com o traço [+ Humano], como em (55), [+ Locativo], como em (56), [+ Temporal], como em (57), ou [+ Quantidade/ Grau] (e.g. *número, preço, volume*), como em (58). Nestes casos, os complementos são equivalentes a interrogativas equativas com *qual*, ou a interrogativas-Q com os morfemas mais específicos *quem, onde, quando* ou *quanto*, respetivamente.

(55) “Depois dá-se a passagem de cinco trechos musicais, dos quais é necessário adivinhar [_{SN-INT} o intérprete], entre três hipóteses à escolha.”

(CETEMPúblico, ext537294-clt-93a-1)

(56) “Para saber [_{SN-INT} as localizações], dirija-se ao posto de informação turística.”

(CETEMPúblico, ext1357575-clt-93b-2)

(57) “(...) apelou (...) a não utilizarem máscaras de gás durante a Guerra do Golfo, de cujo fim conseguiu adivinhar [_{SN-INT} a data exacta].”

(CETEMPúblico, ext160837-soc-92a-1)

(58) “Se as pessoas soubessem [_{SN-INT} o número de abusos encobertos pelo IRS], haveria uma revolta dos impostos”.

(CETEMPúblico, ext34418-pol-97b-1)

Esta monovalência decorre de os verbos não selecionarem SNs comuns com esses traços. Estando presente um traço muito genérico como [– Animado], pode gerar-se ambiguidade (cf. e.g. *sei* [_{SN-INT / SN-COM} *a língua que o Pedro fala*]: “sei [falar a] língua” vs. “sei qual é a língua”), ou manter-se apenas a leitura interrogativa, dependendo da compatibilidade com traços mais específicos – cf. (59).

(59) “(...) os técnicos não são obrigados a saber [_{SN-INT} as empresas do concelho a que estão ligados membros da sua família e ele próprio].”

(CETEMPúblico, ext137122-soc-92a-2)

Importa sublinhar que estes verbos também selecionam interrogativas-Q plenas com *qual* e que estas podem sintomaticamente ser, na generalidade dos casos, “reduzidas” a interrogativas encobertas equivalentes:

- (60) “(...) ganha aquele que conseguir adivinhar [_{F-INT} qual o jogador que marcará o primeiro golo] (...).”

(CETEMPúblico, ext416214-nd-95b-2)

(\equiv adivinhar [_{SN-INT} *o jogador que marcará o primeiro golo*])

Com *depender*, do grupo DEPENDANCE de Huddleston, e complementos nominais com o traço [+Humano], ao contrário de *saber*, podem gerar-se ambiguidades: *a rapidez da resposta depende d[_{SN-INT / SN-COM} a pessoa que for eleita para o cargo]* (“depende diretamente dessa pessoa” vs. “depende de qual seja a pessoa”), mas com o traço [+Locativo], [+Temporal] ou [+Quantidade], por exemplo, já haverá inequívocas interrogativas encobertas, porque os espaços, os intervalos de tempo e as quantidades ou graus, ao contrário das pessoas, não decidem – cf. *depende do Pedro* vs. **depende de Beja*, **depende de 2015*, **depende de 50 decibéis*. A possibilidade de parafrasear as estruturas com interrogativas equativas com *qual* é um teste útil para a identificação do valor interrogativo. Vejam-se três exemplos de interrogativas encobertas com *depender*:

- (61) “Muito raramente acontecem acidentes. Embora dependa d[_{SN-INT} a zona em que decorrem as provas], são raros os acidentes graves.”

(CETEMPúblico, ext1515903-des-96b-2)

- (62) “A partida continua prevista para o dia 1 de Novembro, (...) mas tudo depende d[_{SN-INT} o dia exacto em que a delegação chegará a Jacarta].”

(CETEMPúblico, ext550315-nd-91b-1)

- (63) “(...) as colunas podem ser tão terríveis como os altifalantes – tudo depende d[_{SN-INT} a altura de som em que sejam postas a funcionar].”

(CETEMPúblico, ext189619-nd-93b-1)

Com outros verbos com propriedades selecionais mais amplas, as distinções são por vezes muito subtils e chega mesmo a haver às vezes uma neutralização das diferenças relevantes. Consideremos, por exemplo, o verbo *importar* (no sentido de ser importante ou relevante), ilustrativo do grupo SIGNIFICANCE de Huddleston. Podem ser importantes diretamente as pessoas, os objetos, os lugares, os intervalos de tempos, as quantidades (de coisas) ou os graus (de propriedades escalares), assim como pode importar *quais sejam* as pessoas, os objetos, os lugares, os intervalos de tempos, as quantidades (de coisas) ou os graus (de propriedades escalares). Na pesquisa [lema=“importar”] “qual|quais”, no CETEMPúblico, obtiveram-se menos de 10

registos relevantes com interrogativas-Q equativas, mostrando que a combinação de *importar* com essas estruturas é infrequente (predominando a combinação com SNs, interrogativos ou não). Curiosamente todas as construções com *importar* e orações interrogativas encontradas poderiam prescindir de *qual* (e do verbo *ser*, nos casos em que ele ocorre), sendo expressas por interrogativas encobertas. Vejam-se exemplos de uma interrogativa com *qual* facilmente convertível numa interrogativa encoberta em (64), e de uma genuína interrogativa encoberta, em (65):

(64) “(...) [a empresa] depositará o lixo em qualquer local indicado pela Expo (...), pelo que não nos importa [_{F-INT} qual o sítio exacto].”

(CETEMPúblico, ext533724-soc-98a-1)

(\equiv não importa [_{SN-INT} o sítio exato])

(65) “Pouco importa [_{SN-INT} o partido do poder na região], nós entramos na política geral e reinvindicamos escolas (...).”

(CETEMPúblico, ext107301-soc-98a-2)

(\equiv pouco importa [_{F-INT} qual seja o partido do poder na região])

Também têm propriedades selecionais muito amplas – acarretando maior dificuldade em distinguir interrogativas encobertas de SNs comuns – predicados do grupo CONCERNING de Huddleston, como *ter a ver* [com], *dizer respeito* [a], *relacionar-se* [com], ou locuções prepositivas como *em relação a* ou *quanto a* – cf. Huddleston (2002, p. 978-980). Assim, por exemplo, uma situação pode ter a ver com, ou dizer respeito a, uma pessoa, um lugar, uma data ou – muitas vezes equivalentemente – a qual seja um pessoa, um lugar, uma data, etc. A combinação destes predicados com interrogativas equativas com *qual* é extremamente rara nos *corpora* da Linguateca, mas ocorre esporadicamente, como em (66)-(67), e elas são normalmente redutíveis a interrogativas encobertas.

(66) “O conflito de ideias em relação a [_{F-INT} qual o modelo a seguir no financiamento] (...) é fruto da existência de duas filosofias diferentes.”

(CETEMPúblico, ext487165-soc-97b-1)

(\equiv em relação a [_{SN-INT} o modelo a seguir])

(67) “Um segundo ponto importante diz respeito a [_{F-INT} qual é o diagnóstico mais acurado do problema central envolvido na discriminação racial] (...).”

(Corpus Brasileiro, Linguateca)

(\equiv diz respeito a [_{SN-INT} o diagnóstico])

4. Interrogativas encobertas dependentes de dois tipos especiais de predicados em português: predicados de inquirição e predicados mirativos

As interrogativas encobertas combinam-se com qualquer um dos dez grupos de predicados que selecionam interrogativas indiretas da tipologia de Huddleston (2002, p. 976). Do ponto de vista da análise gramatical é útil considerar três subconjuntos distintos: os predicados de inquirição (ASKING), como *perguntar*, que são não factivos – cf. (68); os predicados mirativos (SURPRISE), como *surpreender*, que são factivos – cf. (69); todos os restantes predicados, tipicamente não factivos (KNOWING, DISBBELIEF, TELLING, GUESSING, DECIDING, DEPENDANCE, CONCERNING, SIGNIFICANCE) – cf. (70a) a (70h), para cada um dos oito grupos referidos, respetivamente.

- (68) a. Perguntei [_{SN-INT} o caminho para o parque].
b. Perguntei-lhes [_{SN-INT} as cidades alemãs que já tinham visitado].
- (69) a. Surpreendeu-me muito [_{SN-INT} as pessoas que foram nomeadas].
b. Admira-me [_{SN-INT} o tempo que demoraste a responder].
- (70) a. Ninguém sabia [_{SN-INT} a hora exata da chegada da comitiva].
b. Não havia qualquer dúvida sobre [_{SN-INT} a hora de chegada da comitiva].
c. A polícia não disse [_{SN-INT} as pessoas que estavam sob suspeita].
d. Não adivinhas [_{SN-INT} o carro que eu vou comprar]!
e. Ainda vou decidir [_{SN-INT} o carro que quero comprar].
f. Tudo depende de [_{SN-INT} o estádio em que se realizar a final].
g. O problema não tem a ver com [_{SN-INT} a pessoa que foi escolhida].
h. Não importa [_{SN-INT} as pessoas que faltaram].

Os dois primeiros grupos são especialmente interessantes e merecem uma análise individual autónoma, que será feita nas duas subsecções seguintes, com abundante ilustração de *corpora* de texto jornalístico.

4.1. Interrogativas encobertas dependentes do verbo de inquirição perguntar

Os predicados de inquirição são prototípicos da seleção de orações interrogativas, destacando-se dos restantes por não admitirem a combinação com orações declarativas ou SNs referenciais comuns. Pesquisas com *perguntar* no CETEMPúblico

e no NILC/São Carlos mostram que este verbo se combina com bastante frequência com interrogativas encobertas. Dado o especial interesse deste verbo para o estudo das construções interrogativas, analisarei aqui todos os subtipos de complementos nominais com que ele coocorre, que, como veremos, nem sempre são do tipo interrogativa encoberta.

Em primeiro lugar, *perguntar* destaca-se – entre os verbos que selecionam interrogativas – pela extrema frequência com que surge associado a formas com algum grau de lexicalização. Como já foi referido, os SNs destas interrogativas encobertas, embora permitam paráfrases com *qual*, não surgem frequentemente integrados em interrogativas equativas. Muitos surgem sem modificadores, apenas com núcleos simples ou núcleos complementados. Por exemplo, são muito frequentes sequências com *perguntar a idade, o nome, a profissão, a nacionalidade, a morada* (ou outros dados pessoais de alguém); *a origem, a proveniência* (de um item); *o preço, o custo, o valor* (de um item); *a razão, a causa, o motivo, o porquê* (para, ou de, alguma coisa); *a opinião* (de alguém sobre alguma coisa); *a data, o dia, a hora* (de algum acontecimento); *o caminho* (para algum lugar). Note-se que, embora os SNs interrogativos com estes núcleos nominais ocorram frequentemente sem complementos ou modificadores, como em (71), podem naturalmente recebê-los; veja-se um exemplo com complementação, em (72), e um com modificação, em (73):

(71) “Se me perguntam [_{SN-INT} o nome] (...), [_{SN-INT} o estado civil] ou [_{SN-INT} a naturalidade], eu respondo sinceramente, como a tudo na vida (...).”

(CETEMPúblico, ext925611-nd-95a-1)

(72) “O resultado é (...) desanimador quando se pergunta [_{SN-INT} as intenções [_{COMPL} de voto no PS]] no caso de Carvalheiras encabeçar a lista (...).”

(CETEMPúblico, ext1152971-pol-97a-2)

(73) “Sobre este assunto, Manuel Sérgio diz que não persegue ninguém nem pergunta [_{SN-INT} a religião [_{MOD} que os militantes professam]] (...).”

(CETEMPúblico, ext263916-pol-94a-1)

Importa não confundir interrogativas encobertas (superficialmente coincidentes com SNs), com genuínos SNs correspondentes ao que designarei como nominalizações de valor interrogativo (NOM-INT). Nestes casos, os SNs complemento de *perguntar* não são parafraseáveis (ao contrário do que acontece com interrogativas encobertas) por orações interrogativas com *qual*. As nominalizações em causa incluem pronomes demonstrativos (*isso*), indefinidos (e.g. *algo, muito*) ou a forma nominal indefinida em concordância negativa *nada*.

(74) “Se está a vender bem? Pergunte [_{NOM-INT} isso] ali as capitalistas...”

(CETEMPúblico, ext458736-soc-91b-1)

(75) “Responde quando o actor pergunta [_{NOM-INT} algo] ao companheiro com quem contracena.”

(CETEMPúblico, ext310651-soc-94b-1)

(76) “A oposição (...) não perguntou [_{NOM-INT} nada], por discordar da forma como tudo se passou.”

(CETEMPúblico, ext1287839-pol-92b-1)

São ainda extremamente comuns nominalizações com o núcleo nominal *coisa* (aliás, as formas *algo*, *muito* ou *nada* referidas acima podem ser parafraseadas por sequências com o nome *coisa*: *alguma coisa*, *muita coisa*, *nenhuma coisa*). Note-se que nestas nominalizações interrogativas são possíveis determinantes indefinidos e sintagmas nominais *bare*, não sendo requerida a determinação definida típica das interrogativas encobertas (não quantificadas):

(77) “Vou-lhe perguntar (...) [_{NOM-INT} uma coisa]: tem dinheiro para pagar?”

(CETEMPúblico, ext23795-soc-95b-1)

(78) “Perguntámos [_{NOM-INT} umas coisas] a uma senhora que lá estava (...).”

(CETEMPúblico, ext73454-soc-98b-1)

(79) “(...) apenas vêm ver, comparar os preços, perguntar [_{NOM-INT} coisas].”

(CETEMPúblico, ext309148-clt-92a-2)

(80) “A situação resume-se (...) à ideia de que os jornalistas de elite perguntam [_{NOM-INT} as coisas que só aos políticos interessam] (...).”

(CETEMPúblico, ext697372-pol-96a-2)

4.2. Interrogativas encobertas dependentes de predicados mirativos

Em português, como em inglês, os predicados mirativos (que são factivos) combinam-se, ainda que com fortes restrições, com interrogativas-Q indiretas:

(84) a. Surpreendeu-me [_{F-INT} quem foi nomeado].

b. Surpreendeu-me [_{F-INT} quem o primeiro-ministro nomeou].

c. Surpreendeu-me [_{F-INT} a quem eles pediram ajuda].

(85) Surpreendeu-me [_{F-INT} quanto tempo aguentaste debaixo de água sem respirar].

Porém, ao contrário da generalidade dos outros predicados que selecionam interrogativas indiretas, não se combinam com interrogativas polares nem com interrogativas equativas ou interrogativas com *que* e *qual* adnominais.⁵ Ou seja, os predicados mirativos destacam-se pelas restrições particularmente fortes à coocorrência com estruturas interrogativas.

Em português, como em inglês, os predicados mirativos combinam-se ainda com interrogativas encobertas, com interpretação idêntica à de orações interrogativas-Q. Compare-se (84a) e (85) acima com as duas frases seguintes, respetivamente:

(86) Surpreendeu-me [_{SN-INT} as pessoas que foram nomeadas].⁶

(87) Surpreendeu-me [_{SN-INT} o tempo que aguentaste debaixo de água sem respirar].

Há, porém, interrogativas encobertas, como (88), que, dadas as restrições distribucionais acima referidas, dificilmente são parafraseáveis por interrogativas-Q (cf. *?surpreendeu-me que dia eles escolheram para a reunião*):

(88) Surpreendeu-me [_{SN-INT} o dia que eles escolheram para a reunião].

Verbos como *surpreender* aceitam como complemento SNs comuns com o traço [+ Humano] (*o Pedro surpreendeu-me*), [- Animado] (*a Igreja da Sagrada Família de Gaudí surpreendeu-me*), [+ Situação] (*a queda do muro surpreendeu-me*) ou [+ Grau] (*a velocidade do automóvel surpreendeu-me*), por exemplo, criando, por um lado, dificuldades em destrinçar SNs comuns de SNs interrogativos (agravadas pela existência de restrições às paráfrases com certos morfemas-Q) e, por outro lado, condições para a emergência de numerosas ambiguidades SN interrogativo/SN comum.

As dificuldades de destrinçar SNs comuns de SNs interrogativos podem ver-se em exemplos como (89) e (90), onde não é claro que não se possa postular apenas uma leitura de SN comum; não discutirei aqui estes casos menos claros.

(89) Surpreendeu-me [_{SN-?} o modo como ele resolveu o assunto]. Usou um método estranho.

(90) Surpreendeu-me [_{SN-?} a rapidez com que ele resolveu o assunto]. Foram menos de dois dias.

A ambiguidade entre SNs comuns e SNs interrogativos surge de forma mais clara com sintagmas com núcleo nominal [+Humano], tipo aliás muito discutido na literatura sobre o inglês (cf. e.g. *the winner of the race really surprised John* – GREENBERG, 1973, p. 11)

⁵ Em inglês, os predicados mirativos também não se combinam com interrogativas polares, como salienta Huddleston (2002, p. 976, 982), mas combinam-se com interrogativas com *which*: e.g. *it's amazing [which ones they preferred]* – Huddleston (2002, p. 992).

⁶ Note-se a falta de concordância de *as pessoas que foram nomeadas* com o verbo, em (86), não geradora de anomalia gramatical, na minha opinião, que mostra que não se trata de um SN comum.

(91) Surpreendeu-me [_{SN-INT / SN-COM} a pessoa que foi nomeada].

(92) Surpreenderam-me [_{SN-INT / SN-COM} os deputados que votaram contra a proposta de lei].

Penso que, na leitura de SN interrogativo, há preferencialmente colocação em posição pós-verbal e tende a não haver concordância do verbo com o núcleo nominal, como em (86) (embora possa havê-la, como na leitura interrogativa de (92)); já na leitura de SN comum (evidente quando se faz a pronominalização nominativa: *ela surpreendeu-me; eles surpreenderam-me*), há preferencialmente colocação em posição pré-verbal (embora o SN possa ocorrer em posição pós-verbal, extraposto ou topicalizado, como nas leituras de SN comum de (91)-(92)) e há necessariamente concordância sujeito-verbo.

Como já foi referido, no caso dos predicados mirativos, em português, não há possibilidade de identificar a leitura interrogativa através de uma paráfrase com uma interrogativa equativa com *qual*. Este facto representa uma dificuldade adicional para a distinção das leituras. Nestes casos, as paráfrases são com interrogativas-Q com outros morfemas, quando as combinações relevantes são aceitáveis – cf. (84a) como paráfrase de (86), ou (85) como paráfrase de (87). Mas, sintomaticamente, também podem ser, dada a factividade dos predicados mirativos, com orações declarativas (DECL), com a possível adição de *e não outro, e não menos/mais*, ou formas afins, que remetem para as alternativas de realização da variável predicativa relevante. Compare-se (86), (87) e (88) acima com cada uma das três frases a seguir, respetivamente:

(93) Surpreendeu-me [_{F-DECL} que tenham sido nomeadas essas pessoas (e não outras)].

(94) Surpreendeu-me [_{F-DECL} que tenhas aguentado essa quantidade de tempo debaixo de água sem respirar (e não menos)].

(95) Surpreendeu-me [_{F-DECL} que eles tenham escolhido esse dia (e não outro) para a reunião].

Pesquisas no *corpus* CETEMPúblico revelam exemplos claros de interrogativas encobertas com estes predicados, quer com concordância do verbo com o núcleo do SN interrogativo, como em (96), quer sem essa concordância, como em (97):

(96) “Lá, esse é o desporto nacional. Por isso, não admiram [_{SN-INT} as três medalhas de ouro (...) que a China trouxe de Barcelona].”

(CETEMPúblico, ext756862-des-96a-1)

(97) “As tradições (...) dos agricultores (...) foram-lhes absolutamente indiferentes, pelo que não admira [_{SN-INT} as dificuldades sentidas nos processos de emparcelamento e reconversão da agricultura].”

(CETEMPúblico, ext11578-pol-94a-2)

Considerações finais

Neste trabalho, mostrei que as estruturas superficialmente coincidentes com sintagmas nominais, mas com uma denotação do plano proposicional afim da das orações interrogativas – conhecidas como interrogativas encobertas – formam uma subclasse heterogénea no português contemporâneo.

A generalidade das interrogativas encobertas equivale a – e pode ser parafraseada por – interrogativas equativas com *qual*, sendo para elas plausível a análise como orações elípticas proposta por diversos autores na literatura, nomeadamente Alvarenga (1981). Mas mesmo estas apresentam comportamentos que denunciam um estatuto mais próximo do de genuínos sintagmas nominais do que de orações: (i) a possibilidade de o seu núcleo nominal desencadear a concordância verbal quando têm a função de sujeito (situação preferida, aliás, em português, a não ser talvez com interrogativas encobertas dependentes de verbos mirativos – cf. *surpreendeu-me as pessoas que foram nomeadas*) – cf. (40)-(41) –, (ii) a possibilidade, ainda que não universal, de as retomar com pronomes pessoais concordantes com o seu núcleo nominal – cf. (33)-(34) – e (iii) a possibilidade de elas integrarem expressões em concordância negativa – cf. (35)-(36).

Algumas interrogativas encobertas formam grupos especiais, minoritários. Destacam-se, pelo menos: (i) as interrogativas encobertas dependentes de predicados mirativos, factivos, pelas suas fortes restrições e destacada impossibilidade de paráfrase com interrogativas equativas; (ii) as interrogativas com alguma forma de lexicalização, tipicamente associadas a expressões predicativas complexas e/ou à possibilidade de ocorrerem com uma estrutura relativamente simples, sem modificadores, como *perguntar as horas*, *perguntar/saber o caminho*, *perguntar/saber o preço*. As estruturas dependentes de predicados de inquirição, como *perguntar*, selecionadores prototípicos de estruturas interrogativas, merecem um destaque especial, podendo ser tomadas como arquétipo das interrogativas encobertas.

Financiamento

Este trabalho foi financiado com verbas do Projeto Estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, UIDB/00214/2020.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Daniel. Interrogativa indireta encoberta em português. *Cadernos de Linguística e Teoria Literária*, n.º 5, p. 119-147, 1981.
- BAKER, Carl. Indirect questions in English. PhD Dissertation. University of Illinois, 1968.
- BOSQUE, Ignacio. Sobre la interrogación indirecta. *Dicenda*, 1, p. 69-82, 1982.
- BOSQUE, Ignacio. *Las categorías gramaticales*. Madrid: Síntesis, 1989.
- BRITO, Ana. A sintaxe das orações relativas em Português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto, 1988.
- CONTRERAS, Heles. Relaciones entre las construcciones interrogativas, exclamativas y relativas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta Demonte (Dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1931-1963.
- FRANA, Ilaria. Quantified concealed questions. *Natural Language Semantics*, 21, p. 179-218, 2013. DOI 10.1007/s11050-012-9089-y
- GALLEGOS, Ángel. Sobre la elipsis. Madrid: Arco Libros S.L., 2011.
- GREENBERG, Bill. A semantic account of relative clauses with embedded question interpretations. Ms. UCLA, 1973. Disponível em: https://www.academia.edu/45404524/A_Semantic_Account_of_Relative_Clauses_With_EMBEDDED_Question_Interpretations
- GRIMSHAW, Jane. Complement selection and lexicon. *Linguistic Inquiry*, 10 (2), p. 279-326, 1979.
- HEIM, Irene. Concealed questions. In: BÄUERLE, Rainer; EGLI, Urs; STECHOW, Arnim von (Eds.). *Semantics from different points of view*, Berlin: Springer, 1979, p. 51-60. https://doi.org/10.1007/978-3-642-67458-7_5
- HUDDLESTON, Rodney, Content clauses and reported speech. In: HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey K. *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 947-1030.
- LEES, Robert. *The Grammar of English Nominalizations*. Indiana University, 1960.
- MÁRQUEZ, Pablo. ¿Son las interrogativas encubiertas realmente interrogativas encubiertas? Una reflexión sobre el español. *Neuphilologische Mitteilungen*, II CXXI, p. 462-496, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51814/nm.107856>
- MEDEIROS, Paulo. Algumas considerações sobre a sintaxe das interrogativas indiretas encobertas do português do Brasil. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, 5 (2), p. 73-91, 2019.
- MATOS, Gabriela; BRITO, Ana. The alternation between improper indirect questions and DPs containing a restrictive relative. *Information Structure and Agreement*, p. 83-116, 2013.
- MARTÍN-GONZÁLEZ, Javier; REYES-TEJEDOR, Mariano (Eds.). *Information Structure and Agreement*, Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 83-116. DOI: <http://doi.org/10.1075/la>

MATOS, Gabriela; BRITO, Ana. Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, p. 152-167, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/raplн4ano2018a38>

MÓIA, Telmo. A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

PERES, João; MÓIA, Telmo. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 1995 (2.ª ed., 2003).

ROELOFSEN, Floris; ALONI, Maria. Perspectives on conceded questions. In: FRIEDMAN, Tova; ITO, Satoshi (Eds.). *Proceedings of SALT XVIII*, Ithaca, NY: Cornell University, 2008, p. 619–636. DOI: <https://doi.org/10.3765/salt.v18i0.2500>

SUÑER, Margarita. La subordinación sustantiva: la interrogación indirecta. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 2149-2195.

Corpora online consultados

CETEMPúblico 2.0 v. 12.2, <http://www.linguateca.pt/ACDC/>

Corpus Brasileiro v. 7.0, <http://www.linguateca.pt/ACDC/>

NILC-São Carlos v. 14.2, <http://www.linguateca.pt/ACDC/>

Vercial v. 16.7, <http://www.linguateca.pt/ACDC/>